



POR UMA LEXICOGRAFIA HISTÓRICO-VARIACIONAL: “REVENDO RAZÕES” E CONCEITOS¹

FOR A HISTORICAL-VARIACIONAL LEXICOGRAPHY: "RESENDING REASONS" AND CONCEPTS

Isamar Neiva²

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo: A evidência do fato de que, mesmo com os avanços nos estudos lexicais, os trabalhos de pesquisa de cunho lexicográfico, em especial no Brasil, ainda não privilegiam satisfatoriamente a variação, configurou-se um ponto fundamental para a elaboração de um Dicionário Dialetal Brasileiro (DDB), o qual se desenvolve no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) e, por conseguinte, para a consolidação da Lexicografia Histórico-Variacional. Este artigo objetiva apresentar os pressupostos teórico-metodológicos adotados e aplicados na pesquisa. Ao final, amostras de verbetes do Vocabulário Dialetal Baiano – o primeiro produto do Projeto DDB – são apresentados como resultados.

¹ O presente texto se configura como extrato da tese de doutorado, recentemente aprovada, intitulada *Vocabulário Dialetal Baiano*, desenvolvida, em 2017, pela autora deste artigo, inserido no Projeto VALEXTRA (*Variação lexical: teorias, recursos e aplicações*): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas, objeto do convênio CAPES/COFECUB 838/15, celebrado entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Paris 13. É dedicado à memória da professora Suzana Cardoso, pelo legado de conhecimento deixado à comunidade acadêmica.

² Doutora em Letras. E-mail: isa.neiva.letas@gmail.com.

Palavras-chave: Lexicografia Histórico-Variacional, Dicionário Dialectal Brasileiro, Vocabulário Dialectal Baiano, Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Abstract: Evidence of the fact that, even with advances in lexical studies, lexicographic research works, especially in Brazil, do not yet adequately privilege the variation, a fundamental point was established for the elaboration of a Brazilian Dialect Dictionary (DDB), which is developed within the framework of the Brazilian Linguistic Atlas Project (ALiB Project) and, therefore, for the consolidation of the Historical-Variational Lexicography. This article aims to present the theoretical and methodological assumptions adopted and applied in the research. At the end, samples of entries in the Dialectal Vocabulary Baiano - the first product of the DDB Project - are presented as results.

Keywords: Historical-Variational Lexicography, Brazilian Dialect Dictionary, Dialectal Vocabulary Baiano, Linguistic Atlas of Brazil Project.

PREÂMBULO

Paris, 2010. Eis que Machado Filho, inicialmente, cogita, para seu pós-doutoramento, a elaboração de um dicionário especializado, tendo o léxico do futebol como tema. Ao longo do período, a ideia é substituída pela da construção de um dicionário dialectal brasileiro, tendo como fonte de dados, o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).

A iniciativa audaciosa e pensada na necessidade de um maior conhecimento da realidade linguística do Brasil, desenvolve-se no Projeto ALiB, de cunho nacional que visa ao mapeamento do território brasileiro no que concerne aos fenômenos linguísticos e, associado a ele, o Projeto Dicionário Dialectal Brasileiro (Projeto DDB) – “obra de verve coletiva e interinstitucional que envolverá diversos especialistas, quer na área da dialectologia, quer nas áreas da lexicografia e das ciências da informação, do Brasil e da França” (MACHADO FILHO, 2010, p. 67), com vistas ao desenvolvimento de um dicionário que possa assegurar a difusão mais ampla do conhecimento da realidade linguística brasileira, no âmbito dos estudos lexicográficos.

As bases preliminares para a elaboração do DDB foram publicadas no artigo *Um Ponto de Interseção para a Dialectologia e a Lexicografia: a proposição de um dicionário dialectal brasileiro com base nos dados do ALiB*, no número 41 desta mesma Revista.

Em 2013, Machado Filho e Neiva começaram a desenvolver as bases preestabelecidas, sobretudo no tocante ao estabelecimento das macro e microestrutura que foram revistas conforme a necessidade que o *corpus* apresentava. Os dados foram apresentados no WorkALiB 2013 e publicado em 2015, no Documentos V, no capítulo *Questões de método para a composição do Dicionário dialectal brasileiro: os dados da Bahia em foco*.

Estabelecia-se, assim, com vistas a uma interface entre a Lexicografia e a Dialetoлогия, mais uma modalidade de mergulho no Léxico: a Lexicografia Histórico-Variacional.

Desde o momento em que se adjetivou a área, tornou-se incongruente manter os conceitos, os quais já estavam muito bem já assentados por ambas as áreas. Para construir a *ponte* entre tais, foi preciso, pois, encontrar um *locus* e um *topus* e admitir que o objeto da Lexicografia Variacional distingue, obviamente, do objeto de ambas as áreas, haja vista o prisma observacional, sobre o qual se passa a tratar.

1 PALAVRA, PALAVRINHA, PALAVRÃO, PALAVRA-CHAVE, PALAVREADO (E OUTRAS PALAVRAS): SOBRE O OBJETO TEÓRICO ADOTADO

Partindo do conceito de Léxico como “um sistema multidinâmico em que elementos menores e maiores do que se reconhece como ‘palavra’ são o seu objeto teórico”, conforme Machado Filho (2014) e considerando “a impropriedade terminológica da palavra ‘palavra’” para os estudos do léxico, têm sido adotado como unidade lexical o termo *lexia*.

A *lexia*, termo e conceito cunhados por Pottier (1974), refere-se à unidade lexical memorizada, pertencente a uma categoria (forma do significado) ou a classes superiores. Segundo sua proposta, há quatro tipos de *lexias*: i) simples, quando corresponde à *palavra tradicional*; ii) composta, se for resultante da integração semântica que se manifesta formalmente; iii) complexa, quando se constitui em uma sequência em vias de lexicalização e possui graus diferenciados e; iv) textual, quando alcançam o nível de enunciado ou de um texto, a exemplo dos hinos, preces, charadas, provérbios etc.

No âmbito da Lexicografia, em uma tentativa de atualização da taxonomia, têm sido consideradas unidades lexicográficas tanto unidades monolexicais (*lexias* simples, segundo ótica de Pottier) como as combinações de unidades lexicais, aqui chamadas de unidades polilexicais (*lexias* compostas e complexas).

Assim, até então, estava assentado para a Lexicografia contemporânea o conceito de *lexia*. No entanto, considerando os dados documentados no *corpus* de análise para a elaboração dos vocabulários dialetais estaduais e regionais que integram e visam à construção do DDB, o termo *lexia* não pareceu também adequado à Lexicografia Histórico-Variacional, que se pretende fazer, sobretudo no que tange à relação do léxico com os demais níveis da língua.

Não adiantava apenas *exorcizar*³, era preciso preencher o lugar que ficou. Não bastava apenas substituir o nome lexia por outro, fazia-se necessário que o conceito recobrisse a forma. Aliás, até mesmo o conceito de variante, também já assentado para os estudos variacionistas parecia não recobrir de maneira satisfatória.

Uma das razões porque o termo lexia não é satisfatório para designar o objeto da Lexicografia Variacional que se tem desenvolvido consiste no fato de que se pretendeu inserir, para além dos itens lexicais que fazem parte do léxico comum ou léxico geral e (ou) dos termos os quais pertencem ao léxico especializado, a especialidade das normas, de comunidades linguísticas, caracterizadas sociodialetoalmente.

Em *Do conceito de nomia para os estudos do léxico em perspectiva variacional e histórica*⁴, Machado Filho (no prelo) afirma que, embora seja

clara a distinção entre esses dois objetos teóricos, o léxico que pode ser denominado de “sociodialetoal” ou “léxico das normas”, por sua vez, caracteriza-se pela relação que estabelece a partir do nível de abstração normal e sua efetiva materialização na fala. (MACHADO FILHO, no prelo)

Diante disso, considerando o fato de que a proposta do Dicionário Dialetoal Brasileiro é trabalhar com o léxico das normas, mais especificamente, o léxico sociodialetoal, tem-se optado por adotar o conceito de *nomia* cunhado por Machado Filho (no prelo),

(por apropriação e reversão de seu antônimo, anomia, registrado como padrão em Sociologia) para se referir às unidades do léxico fortemente caracterizadoras de normas sociodialetoais e objetos de estudo da lexicografia e da lexicologia variacional e histórica, com vistas a contribuir para os avanços teóricos das pesquisas na área dos estudos do léxico. (MACHADO FILHO, no prelo)

Didaticamente, o autor apresenta um esquema diagramático bastante elucidativo, reproduzido, a seguir:

³ Alusão ao poema *Exorcismo*, de Carlos Drummond de Andrade, em que o poeta lista conceitos da Linguística, concluindo cada estrofe com a expressão latina *Libera nos, Domine*.

⁴ Comunicação intitulada *Do conceito de Nomia para os estudos do Léxico em perspectiva variacional e histórica*, apresentada no IV Congresso Internacional de Dialetoal e Sociolinguística (IV CIDS), na Université Paris Sorbonne, em 2016.

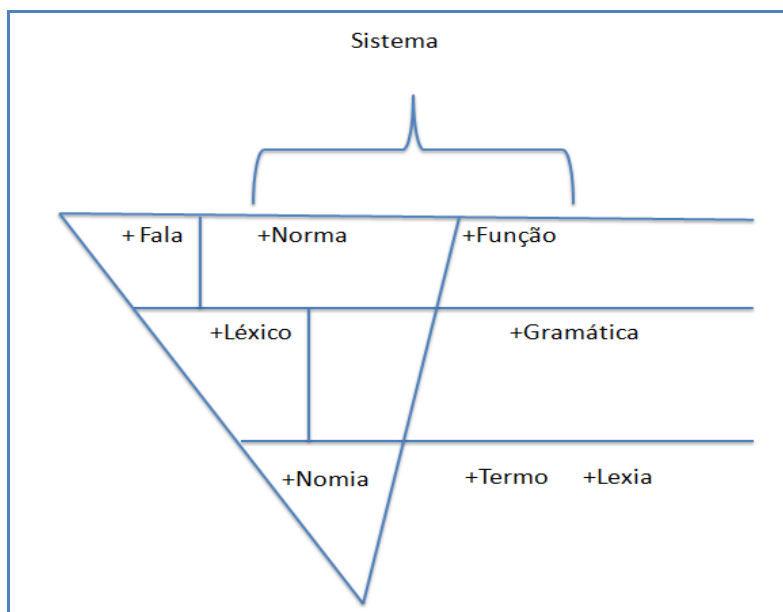


FIGURA 1 - Diagrama relacional dos objetos teóricos dos estudos do léxico, em função do sistema linguístico e do grau de gramaticalidade ou lexicalidade.

Fonte: (MACHADO FILHO, no prelo)

Nomia, vale ressaltar, pode ser caracterizado como um desdobramento do conceito revisitado de variante lexical proposto, também, pelo autor (MACHADO FILHO, 2014) para classificar as unidades lexicais distintas

de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica, sintática ou discursiva (MACHADO FILHO, 2014, p.273)

que sejam

fortemente caracterizadoras de normas sociodialetais e objetos de estudo da lexicografia e da lexicologia variacional e histórica, com vistas a contribuir para os avanços teóricos das pesquisas na área dos estudos do léxico. (MACHADO FILHO, no prelo)

Essa caracterização sociodialetoal de que fala o autor, pode ser entendida, também, como a Carga Cultural Compartilhada, com a qual a trabalha a Lexicultura, mais amplamente divulgada por Galisson (1987, 1989, 1991, 1997), admitindo que algumas lexias sejam mais mobilizadas pela sua 'carga cultural compartilhada' (CCC) – valor acrescentado ao sentido referencial da lexia, que é conhecido e compartilhado entre os membros pertencentes a uma cultura e constitui fator de aproximação e de reconhecimento mútuo – do que pelo seu significado, por uma grande parte ou a totalidade de uma comunidade no mesmo período e no mesmo local geográfico.

Sob a perspectiva sociolinguística e lexicultural, tomando como exemplo as oposições *chegou*, *chegaro* e *chegaram*, observa-se que do ponto de vista do

padrão linguístico *chegou* e *chegaro* são marcadas negativamente e, portanto, se opõem a *chegaram*. Em contrapartida, se considerada a presença do morfema de marcação de plural, *chegaram* e *chegaro* são marcadas positivamente e se opõem a *chegou*, marcada negativamente.

Para melhor elucidação, observe-se o esquema, a seguir:

ponto de vista do padrão linguístico	(-)	(-)	(+)
	chegou	chegaro	chegaram
presença do morfema de marcação de plural	(-)	(+)	(+)

FIGURA 2 – Exemplificação da delimitação de variáveis para um estudo variacionista, conforme parâmetros adotados.

Fonte: (NEIVA, 2017, tese de doutorado).

Como se percebe, a quantidade de variantes depende do parâmetro adotado, pois, é o pesquisador que constrói o objeto de análise bem como as variáveis.

Ou seja, que define o objeto teórico é o olhar.

Nesse sentido, sob a perspectiva da Lexicografia Variacional, *aimpim* ou *impim* se caracterizam como léxico de dada comunidade, haja vista se trabalhar com o valor semântico da unidade lexical. Ressalta-se, ainda, que *aimpim* – forma canônica – é também considerada nomia já que também se constitui o léxico de uma comunidade. Ocorre que esta forma lexical, dicionarizada, é mais aceita socialmente do que as demais que são estigmatizadas.

As alterações ao longo dos tempos, na história do léxico português parecem justificar a utilização de registros que poderiam ser considerados, sob dada ótica, como registros fônicos de uma mesma unidade lexical.

Sabe-se que a variação lexical era presente no latim, esteio principal da construção lexical do português e que a difusão desse latim marcado pela variação léxico-semântica na Península Ibérica não ocorreu de maneira homogênea nas várias regiões em virtude de fatores como a diversidade da época da romanização que foi mais profunda ao sul do que ao norte, tendo por consequência a derivação do latim vulgar aos falares regionais.

No território que hoje é Portugal, o falar regional foi considerado como possuidor do caráter similar ao da língua latina e apresentado como *espelho da*

língua latina, ou, caetaneando, como a *flor do Lácio*, *sambódromo Lusamérica*, *latim em pó*.

A formação e diferenciação / caracterização das línguas românicas, ocorreu em níveis da língua, dentre tais se destacam as alterações fonético-fonológicas, alterações morfológicas e alterações sintáticas.

Quanto às alterações no português, processos metaplásmicos operaram fortemente sobre os dados fônicos latinos, a ponto de permitir a existência de formas divergentes ou convergentes no português. Veja-se, por exemplo, o que registra Machado Filho (2014), sobre isso.

TIPO DE DIVERGENTE	SUBDIVISÃO	ÉTIMO	FORMASEM PORTUGUÊS
Hereditária	Fonético-históricas	<i>legitimu-</i>	lídimo
			lindo
de empréstimo de	acumulação popular (<i>mot populaire</i>) e erudita (<i>mot savant</i>)	<i>intregu-</i>	inteiro
			íntegro

QUADRO 1 - Formas divergentes no português

Fonte: Machado Filho (2014), com adaptações

Como se pode observar dos extratos apresentados, *inteiro* e *íntegro*, embora provenham do mesmo étimo *intregu-*, não possuem, hoje, a mesma carga sêmica. O mesmo ocorre com as lexias provenientes *legitimu-*, *lindo*, *lídimo*, com o agravante de que exista, também, em português, a forma *legítimo*, que pode ser interpretada como sinônimo de *lídimo*, sendo esta, aparentemente, de uso mais erudito.

De forma sintética, podem-se considerar as seguintes fontes:

	Palavras Populares	Semi-eruditas	Eruditas
Entrada no léxico português	em épocas muito remotas > transformações próprias à língua popular	nos primórdios da época literária > leves alterações ao entrarem no circuito da linguagem comum:	provindas diretamente do Latim Clássico, a partir do século XIV e no século XV, com o Renascimento
<i>exemplo</i>	<i>macula > macla > malha</i>	<i>humanitate > humanidade</i>	<i>flamma > flama; auscultar e > auscultar; solitariu > solitário</i>

QUADRO 2 – Síntese dos tipos de entrada de lexias herança latina no léxico português

Fonte: (NEIVA, 2017, tese de doutorado)

Como se observa, as mudanças nos exemplos apresentados envolvem processos metaplásticos, os quais se configuram relevantes, inclusive, para se pensar o português brasileiro, sobretudo se fatores históricos do passado forem interpretados com vistas a entender o presente e (ou) se se partir de fatos e dados do presente entrevedo, pois, o passado.

No tocante às *palavras populares*, Vasconcelos (1946), na *Lição IX*, resenha os principais processos formativos. Ao destacar a derivação, a autora ressalta a influência prosódica dos vocábulos e dos sufixos no destino dos itens lexicais. À página 66, a autora explica:

Dêsses tipos conservam-se alguns pelo motivo fonético indicado. E êsses exemplares populares e semi-eruditos, tradicionais ou tornados tradicionais pelo muito uso que devem ao significado, são tantos que promoveram outros análogos.

[...]

E o vulgo o que fêz? Encostando-se a todos êsses, substituiu o sufixo menos sonoro *-ero* de algumas palavras por *-aro*; p. ex. em *númaro*, *mísaro*; e também *-oro* de *fósforo*, que deu *fósforo* (a par de *fosfo*, *forfo*, *forfro*)

(VASCONCELOS, 1946, p. 66)

O excerto supracitado enfatiza a relação dos vocábulos provenientes de processos, em que a prosódia e a fonética são marcantes e determinantes, com os fatores sociais, mais especificamente, o letramento. Além disso, ressalta-se a analogia como agente desencadeador de outros vocábulos presentes na língua, até hoje, em algumas comunidades.

“A tendência oposta é unicamente própria de semi-letrados” (VASCONCELOS, 1946, p. 62), que usam *erúdito*, *rúbrica* e *púdico*, em lugar de *erudito*, *rubrica* e *pudico*. Aliás, *rúbrica* e *rubrica* convivem, hodiernamente, de modo que, inclusive, a variante não-padrão parece ter mais prestígio social do que a canônica. Este fato remonta a ideia da autonomia do sujeito em relação à língua.

Acredita-se que, para além da *tendência*, existem outros processos metaplásticos envolvidos, os quais são fundamentais para o estudo da formação do léxico português.

Dentre vários exemplos de como os metaplasmos podem interferir em mudanças lexicais, destaca-se, aqui, o verbete concernente a *jeolhos* presente à página 284 do *Dicionário do Português Arcaico*, de Machado Filho (2013), em que, além de apresentar outras duas variantes – *geolho* e *giolho*, evidenciando o alteamento da vogal média anterior em posição pré-tônica –, instiga-se o questionamento e o interesse de conhecer como a forma arcaica se tornou *joelho*.

Independente do tipo de divergência – se *hereditária* ou se *de empréstimo* – e de suas subdivisões possíveis, fato é que as formas em português se distanciam no que tange à significação ou até mesmo à pragmática, por motivações sociais e (ou) fonético-históricas.

Tomando por analogia o exemplo, dado em sala de aula por Machado Filho, de que se em uma medida composta por 50% de água e 50% de álcool, fosse inserido 50% a mais de água, o álcool perderia sua essência e a água a sua composição, o que as tornaria, mutuamente, irreconhecíveis, é possível dizer que traços de itens lexicais se modifiquem, ao longo dos tempos, devido a variáveis infinitas. No entanto, se os processos de mudança fossem registrados, oportunamente, seria possível recuperar a identificação das formas em cada momento, atestando, mais coerentemente que, não há como mensurar perdas ou ganhos, e sim apenas momentos do item lexical na história.

Ora, se para a história da língua, mais especificamente do léxico, as alterações fônicas são de suma importância, por que, em perspectiva sincrônica, não se registram dados que as reflitam e que se configuram léxico de dada comunidade?

Sobre a força das normas para a conformação de características próprias de determinadas comunidades de fala, sobretudo as populares na história, Vasconcelos (1946) já assegurava algumas tendências metaplásmicas no português. Diz a autora:

O povo, pronunciando *fosfo, liro, Ciro, Emila, familia, Antoino, paito*, em lugar de *pátio, Antônio, família, Emília, círio, lírio, fósfor* ou *fósforo*, continua na mesma via. *Cambra, numbro, combro*, por *câmara, número, cômore*, que são senão efeitos dessa mesma tendência? (VASCONCELOS, 1946, p. 62)

Vale ressaltar que as observações e os exemplos são citados com a finalidade de evidenciar a importância do registro das formas hoje estigmatizadas ou desconhecidas do público em geral para a história da língua.

Atualmente, nas ruas de Paris, é comum escutar, em contextos de informalidade, a expressão *ché pas* – [Σεπα] – para *je ne sais pas*. Ambas as formas coexistem no francês contemporâneo com os traços [+formal] para *je ne sais pas* e [+informal] para a variante *ché pas* – [Σεπα] –, bastante usual entre jovens e em situações / contextos informais.

Por enquanto, porém, *je ne sais pas* e *ché pas* – [Σεπα] – são variantes de registro (formal e informal) Esse fato pode ser observado como um exemplo de mudança linguística.

É válido lembrar que, historicamente, a marca de negação em francês é o *ne*. Hoje, porém, tem sido, às vezes, apagado. É comum escutar, ainda: *sucre ou pas*.

O esquema, a seguir, mostra o processo de variação atual.

+ formal		+ informal
Je ne sais pas	>	Je sais pas > “ché pas”
[ʒeneseɥa] > [ʒeneseɥa] = [ʒeseɥa] > [ʒeseɥa] = [ʒseɥa] > [ʃeɥa]		

FIGURA 2 – De *Je ne sais pas* a *Ché pas*: exemplificação do processo de variação / mudança

Fonte: (NEIVA, 2017, tese de doutorado)

Como se sabe, a mudança fônica não é abrupta, mas gradual, de modo que se propaga na estrutura da língua e na estrutura da sociedade, e que, assim sendo, *abroba* ou *abobra* podem ser consideradas léxico de dada comunidade, na sincronia, e pode se tornar léxico geral. No entanto,

o importante agora não é mais esquadrihar o passado para vermos como chegamos nele, mas nos determos na contemporaneidade para ver o quanto deste passado se prolongou no nosso presente e quanto ainda somos a partir dele. (PINHEIRO, 2000, p. 108)

E, com a documentação de uma forma em determinado momento da história assim, salvaguardar uma parte da história da língua, salvaguardar a história da língua.

Sob essa perspectiva,

o DDB objetiva conjugar de forma abrangente língua e cultura, no sentido de permitir o conhecimento mais abrangente possível da relação dialetal que se estabelece, através do léxico, nas comunidades que o utilizam. (MACHADO FILHO, 2010)

2 A FINALIDADE DE UM VOCABULÁRIO DIALETAL: RAZÕES

Em compensação outro velho amigo, desta vez o P. Gomes, me telefona para falar sobre palavras:

___ Existe a palavra iniciante?

___ Claro que existe.

___ Então olha se tem no dicionário.

Olho no “Aurélio”. Não tem.

___ Existe telefonista? ___ insiste ele.

___ Já vem você. Vai me dizer que não tem.

___ Então olha.

Não tem. Que diabo de brincadeira é essa? Coisas do P. Gomes, que só ele descobre. Com essa me deixou meio desbundado.

Olho se tem o verbo desbundar. Tem. (F, 15-05-85: 10, c. 3-6)

(SABINO, *apud* ALVES, 2002, p. 85)

O excerto, supracitado, da crônica de Fernando Sabino em sua coluna *Dito e Feito* do Jornal *O Globo*, citado por Alves (2002, p. 85) incita alguns questionamentos sobre o pensamento coletivo acerca da relação entre o léxico e a lexicografia brasileira: i) a (não) inserção de um item lexical em dicionário como sinônimo de sua (não) existência e; ii) o Aurélio como sinônimo de dicionário, fato que dá título a um artigo de Biderman (2000).

Sobre o primeiro aspecto, causa preocupação – e não raro indignação – perceber que, por vezes, veicula-se, midiaticamente, e é inculcada na sociedade, a ideia de que a existência de uma *palavra* dependa de seu registro em um dicionário.

A crônica de Sabino remonta ao ano de 1985. Mais de trinta anos depois, *desbundadamente*, o vocábulo iniciante continua sem ser inserido ao *Dicionário Aurélio*. No entanto, muitos *iniciantes* surgiram, deixaram de ser, nesse intervalo de tempo, e, ainda se pode notar tendência a atender a demanda do público em crescimento, sobretudo no que tange aos vários manuais para iniciantes, de áreas diversas.

Em 1990, nove anos antes do Projeto de Lei 1.676 de 1999, de autoria do então deputado Aldo Rebelo, do PCdoB, que objetivava tratar da “proteção, defesa e uso da língua portuguesa” no Brasil, em combate aos estrangeirismos, também no âmbito da política nacional – que, aliás, não tem rendido apenas polêmicas linguísticas, até hoje – o ex-ministro do Trabalho e Previdência Social do Governo Collor, o sindicalista Antônio Rogério Magri, ao responder a um repórter que o questionara se o salário também seria reduzido, com a frase: “O salário do trabalhador é imexível”, gerou grande polêmica sobre a existência do item lexical, que ainda é repercutida, inclusive.

Polêmicas à parte, fato é que os dicionários mais amplamente conhecidos de um público comum – como são os dicionários Aurélio e Houaiss – parecem ser *imexíveis* quanto à inserção de um verbete para *imexível*, que somente é dicionarizada por Aulete (2011).

Diferente de *iniciante*, *imexível* não parece ter sido alvo de aceitação social, haja vista não ser comum ouvir-se, exceto quando em referência ao fato supracitado, com certa carga de estigma.

Amorim (2012), inicia sua dissertação de mestrado, sobre as construções causais com *por causa que*, com a seguinte assertiva:

A revista *Veja*, em edição de 11 de agosto de 2010, publicou artigo criticando o desempenho linguístico dos candidatos à Presidência da República no primeiro debate exibido na TV, naquele ano. Sob um enfoque carregado de preconceito linguístico, tal artigo apresentou uma seção contendo os “10 erros de português que acabam com qualquer entrevista de emprego”. Um desses erros refere-se ao uso do conector causal *por causa que*: “‘por causa que’ é mais do que errado – **nem sequer existe**” (VEJA, 2010, p. 99) (AMORIM, 2012, p. 15)

Embora se encontre dicionarizada, o conector causal é considerado pela Revista como erro e como *inexistente* na língua, o que além de demonstrar preconceito remonta à falta de conhecimento linguístico.

Fatos como os citados, aqui, poderiam gerar questionamentos acerca do que determinaria a existência de uma *palavra*, se a sua dicionarização, se o seu prestígio ou mesmo se a colocação – recorrência em contextos linguísticos.

Pretende-se, entretanto, para além das reflexões possíveis, evidenciar que na língua, sobretudo no léxico nada é *imexível*, de modo que as palavras existem *por causa de* seus os utentes, e (ou), como considera Barcelos (2000), que a

necessidade de comunicar-se e se fazer entender obriga os falantes a se lançarem ao uso de unidades lexicais para, com elas, enunciarem seus pensamentos por meio de entidades vocabulares que, nem sempre, estiveram ou estão disponíveis para o seu uso, impondo-se, então, a urgência de criá-las ou evocá-las no fragor do ato expressivo. (BARCELOS, 2000, p. 142)

Embora a dicionarização e o prestígio que possa adquirir consequentemente não estejam, diretamente, relacionados à existência de dado uso, ressalta-se a importância do registro lexicográfico de usos lexicais que hoje são consideradas *erro* ou até mesmo os que não possuem pouca expressividade quanto à veiculação. Acredita-se que dicionarizar um uso que é estigmatizado possa ser um grande avanço para a diminuição dos estigmas e preconceitos sociolinguísticos.

Outra reflexão oportuna se refere à ideia equivocada de que se “está no Aurélio, como é comumente denominado nosso mais usado dicionário, a unidade lexical já é considerada integrada à língua portuguesa falada no Brasil.” (ALVES, 2002, p. 85), acreditando que uma obra dicionarística possa representar a *verdade*, o *certo*, no que concerne ao léxico.

Biderman (2000), em *Aurélio: Sinônimo de dicionário?*, não obstante o destaque dentre os seus concorrentes que se revelaram inferiores no que tange à atualização e no que tange ao conteúdo, apresenta impropriedades quanto à

nomenclatura, à microestrutura, à definição, a ordenação das acepções em palavras polissêmicas.

Talvez, tenham sido essas as mesmas razões que levaram o *PNLD Dicionários 2012*, a não aprovar o Aurélio, de tipo 4 – aqueles que, por seu porte, formato e objetivos, se aproximam dos que se dirigem ao público geral, embora se destinem, prioritariamente, a alunos do ensino médio.

Além das duas questões que deram início a esta reflexão em torno da perspectiva lexicográfica, tende-se a uma terceira que se refere ao atendimento à demanda dos consulentes e os efeitos na sociedade.

Embora em âmbitos diferentes quanto às modalidades da língua, a *famigerada* frase do personagem do conto *Famigerado*, de Guimarães Rosa (1988, p. 13), “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-megerado... falmisgeraldo... famílias-gerado...?*”, parece aludir aos consulentes de um dicionário de língua portuguesa, no Brasil, no que tange aos objetivos mais aparentes: saber *o que é* – a definição –, e qual o *uso correto*, normalmente, no que tange à norma-padrão *o uso correto* da palavra.

Em *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, às páginas 16 e 17, são apresentados alguns dos *serviços* que podem ser prestados por um dicionário, dentre os quais são considerados *mais importantes*:

- tirar dúvidas sobre a escrita de uma palavra (ortografia);
 - esclarecer os significados de termos desconhecidos (definições, acepções);
 - precisar outros usos de uma palavra já conhecida (definições, acepções);
 - desvendar relações de forma e de conteúdo entre palavras (sinonímia, antonímia, homonímia etc.);
 - informar a respeito das coisas designadas pelas palavras registradas (informações sobre o inventor dos balões a gás e o contexto de época, num verbete como balão);
 - indicar o domínio, ou seja, o campo do conhecimento ou a esfera de atividade a que a palavra está mais intimamente relacionada; essa informação é particularmente importante quando uma mesma palavra assume sentidos distintos (ou acepções) em diferentes domínios, como planta, em biologia e em arquitetura;
 - dar informações sobre as funções gramaticais da palavra, como sua classificação e características morfossintáticas (descrição gramatical);
 - indicar os contextos mais típicos de uso do vocábulo e, portanto, os valores sociais e/ou afetivos a ele associados (níveis de linguagem; estilo);
 - assinalar, quando é o caso, o caráter regional de uma palavra (informação dialetológica);
 - descrever a pronúncia culta de termos do português (ortoépia) e a pronúncia aproximada de empréstimos não aportuguesados;
 - prestar informações sobre a história da palavra na língua (datação; indicação de arcaísmos e de expressões em desuso)
 - revelar a origem de um vocábulo (etimologia).
- (BRASIL, 2012, p. 16-17)

Como se observa, as contribuições sugeridas não se restringem ao âmbito linguístico e podem atender a alguns dos interesses dos consulentes.

Sobre a tradição dicionarística, Verdelho (2003, p. 417), em *Dicionários: testemunhos da memória linguística*, afirma ter assumido “a tarefa de recolher, registrar e disponibilizar as palavras conhecidas ou testemunhas que afloraram ao discurso”, constituindo um acervo da memória coletiva de uma sociedade através do léxico que por sua vez, segundo Seabra (2006, p. 7) “encontra-se arraigado à história, tradição e costumes de um povo, estando, por isso, em constante processo de expansão, alteração e contração”.

Admitido que essa visão mais clara acerca do léxico tenha possibilitado o aprimoramento do trabalho lexicográfico, Correia (2008, p. 8) destaca a relevância

de dicionários de pendor predominantemente descritivo (e não normativo), dando conta do uso real que é feito da língua, visando a descrição do vocabulário da chamada língua corrente, fornecendo informação pertinente não apenas para a função de compreensão linguística, mas também, e de forma significativa, informação pertinente para a função de produção e para o alargamento do vocabulário do consulente (CORREIA, 2008, p. 8)

Ocorre que, infelizmente, no que tange à língua portuguesa, o desenvolvimento da lexicografia baseada em *corpus* e da lexicografia de aprendizagem, em Portugal e no Brasil, é recente e ainda incipiente.

Isquerdo (2011), num percurso histórico acerca dos estudos lexicográficos, no Brasil, apresenta quatro sincronias relacionadas à história social do país:

- a) séculos XVI, XVII e XVIII, em que se destacam os dicionários jesuítas, em que há registro do universo vocabular da época, e os relatos de viagens, nos quais evidenciam-se a impressão do colonizador, a descrição da fauna e da flora e a contribuição para identificação dos “nomes dos Brasil” ou “coisas do Brasil”.
- b) século XIX, em que se destacam a inserção de brasileirismos aos dicionários gerais e a produção de dicionários de brasileirismos, motivadas

por espírito nacionalista surgem produções lexicográficas sobre brasileirismos que tinham a pretensão de registrar e fixar a norma brasileira, obras que ora tinham como propósito descrever a norma nacional (brasileirismos) em oposição à europeia, ora buscavam registrar vocabulários regionais. (ISQUERDO, 2008, p. 122)

c) século XX, momento de

transição entre a produção lexicográfica centrada na questão dos brasileirismos, na língua brasileira, e uma lexicografia voltada para a língua portuguesa do Brasil, obras com ampla nomenclatura que buscam dar guarida o melhor possível do léxico do português brasileiro, com caráter mais autônomo, já que a produção do século anterior, em sua maioria, tinha como propósito complementar as obras produzidas além-mar. (ISQUERDO, 2008, p. 128)

d) século XXI, em que se apresentam tendências da Lexicografia contemporânea, como o lançamento de dicionários gerais da língua de grande porte e de versões eletrônicas e *online* de dicionários gerais da língua e a produção de dicionário com nomenclatura extraída de *corpora* textuais.

Muito embora se perceba certo aprimoramento na produção dos dicionários brasileiros no tocante ao método e aplicação de tecnologias, ao conteúdo com base em *corpora*, à proposta e ao viés lexicográfico, as obras ainda apresentam muitas deficiências estruturais, sobretudo no que tange à variação linguística, além de serem redundantes, pouco adequados para a consulta e, por vezes, se mostrarem preconceituosos.

Como exemplo dos equívocos presentes em obras lexicográficas ainda veiculadas, no Brasil, observem-se, a seguir, acepções de dois verbetes arrolados no *Grande Dicionário Sacconi* (2009) e no *Dicionário Aulete* (2011)

periguete (pe) *s.f.(a) Gíria* 1. Mulher que frequenta bares noturnos apenas para arrumar companhia; putinha da noite; piranha noturna; pistoleira: *toda periguete adora ter a marca da calcinha do biquíni aparecendo*. 2. Mulher fuxiqueira, bisbilhoteira: *cuidado com sua vizinha, que ela é a maior periguete do bairro!* 3. Mulher que se veste de forma pretensamente elegante e age de modo espalhafatoso; perua. (SACCONI, 2009)

menino *interj.* 4. Indica admiração e equivale a *Minha nossa!* ou a *Deus me acuda!*: *Menino! Ele brinca de boneca!!!* (SACCONI, 2009)

curandeiro 1 Que trata pessoas doentes por meio de rezas e feitiçarias. 2 Que trata doentes sem ser formado em medicina, muitas vezes com métodos que incluem rezas, magias e beberagens **sm** 3 Aquele a quem se atribui a capacidade de curar por meio de rezas e feitiçarias. 4 Médico que se vale desses meio. 5 *Pej.* Médico de má qualidade e de formação duvidosa (AULETE, 2011)

Se os “dicionários são monumentos do mais valioso patrimônio de uma comunidade, são um testemunho privilegiado da memória” (VERDELHO, 2003, p. 413) sócio-histórica e linguístico-cultural, e refletem “o conjunto dos usos sociais da língua” torna-se inadmissível aceitar acepções, definições e verbetes como os citados, os quais além não serem coerentes à prática

lexicográfica, ratificam preconceitos sociais, inclusive no que tange à variação linguística.

Entretanto, mesmo com os avanços nos estudos lexicais, grande parte dos dicionários, principalmente aqueles elaborados a partir da segunda metade do século XX, apresentam muitas deficiências estruturais, além de serem redundantes e pouco adequados para a consulta.

Tem-se observado ainda que, na percepção do usuário, a finalidade dos Dicionários para a maioria da sociedade é similar à busca pelas Gramáticas – livros que representam o conjunto de regras gramaticais, segundo uma norma de uso, a norma-padrão, em geral – e consiste em dirimir dúvidas relativas, em geral, à grafia correta e à busca por sinônimos, bem como ocorre no que tange à pronúncia, haja vista o fato de muitos dicionários apresentarem noções de ortoepia – indicação normativa de uma pronúncia. Vê-se, ainda que

em relação ao registro da variação nos dicionários contemporâneos, publicados no Brasil, se refere meramente a marcas de uso, que normalmente refletem uma certa carga de preconceito em face do padrão ortográfico que neutraliza quaisquer outras atualizações linguísticas que se possam insinuar na nomenclatura. (MACHADO FILHO, 2010, p. 52)

Tais fatos revelam grandes preocupações que motivam à consolidação da Lexicografia Variacional, com a elaboração de glossários, vocabulários e dicionários dialetais, atendendo a inquietações que se referem à legitimação dos usos linguísticos, e promovendo a interface entre a Dialectologia e a Lexicografia, sobretudo se se considerar a assertiva de Cardoso (2011, p. 329)

Os atlas linguísticos, na sua grande maioria, focalizam o léxico e a fonética/fonologia da língua considerada. Há um volume muito grande de lexias, arroladas em cada atlas. O aproveitamento desses dados lexicais pelos lexicógrafos, porém, não tem sido proporcional ao que os atlas oferecem, pensando-se, por exemplo, na variedade lexical do português.

Onde está a dificuldade em assumir-se uma postura dessa natureza?

(CARDOSO, 2011, p. 329)

É assumindo, pois, a postura sugerida por Cardoso (2011), a fim de sanar “a ausência de uma metodologia de explicitação e divulgação de dados dos atlas linguísticos mais eficaz e mais transparente constitui-se no grande obstáculo à junção desses dois campos, desses dois interesses – o geolinguístico e o lexicográfico” (CARDOSO, 2011, p. 329) – um dos aspectos comentados pela autora como causa, razão sem motivo para a não utilização dos dados dialetais em obras lexicográficas – que DDB tem sido construído, a partir da elaboração de glossários temáticos e vocabulários regionais, desenvolvidos no âmbito da Pós-Graduação – dissertações e teses – e no âmbito da Iniciação Científica.

3 VOCABULÁRIO DIALETAL BAIANO: UMA AMOSTRA DA PROPOSTA DO DDB

[...] o DDB deve privilegiar um sistema de remissão bastante eficiente e complexo, capaz de dar conta de todas as co-referências possíveis, incluindo-se aí o sistema de identificação isoglósica da unidade lexical sobre o que adiante se referirá na composição microestrutural a ser sugerida. [...] Note-se que possíveis realizações variacionais do tipo <abroba> ou <abobra>, relacionadas ao padrão abóbora, independentemente de não serem ortograficamente reconhecidas, devem ocupar sua posição alfabética nessa lista de palavras. (MACHADO FILHO, 2010, p. 62)

Como se pode depreender da citação ora epigrafada, a macroestrutura do DDB objetiva permitir que o consulente, especializado ou leigo em linguística, reconheça, imediatamente, as variáveis sociodialetais registradas pelo ALiB, para cada uma das lexias em variação.

O *Vocabulário Dialectal Baiano*⁵ constitui-se de 1.938 verbetes dispostos por áreas conceituais – Acidentes geográficos; Alimentação e cozinha; Atividades agropastoris; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Corpo humano; Fauna; Fenômenos atmosféricos; Habitação; Jogos e diversões infantis; Religião e crenças; Vestuário e acessórios e Vida urbana – e obedeceu às bases metodológicas do Projeto DDB – e do Projeto ALiB – a partir do qual o *corpus* de análise foi construído.

A tese foi elaborada com base em registros de oralidade, *i.e.*, com base em *corpus* de fala, obtidos por meio de pesquisa *in loco*, documentado conforme o método de gravação do tipo laboviana, pelo Projeto ALiB, entre os anos de 1996 e 2013, em 22 localidades do estado da Bahia.

O *Vocabulário* conta com dois tipos de verbetes: i) os verbetes plenos, em que o lema principal serve de base para a remissão para outras entradas, e; ii) os verbetes remissivos, cujas entradas se referem aos lemas secundários⁶, múltiplos⁷ e variantes vocabulares⁸ do lema principal.

A microestrutura adotada para verbetes plenos é constituída, pois, de 8 itens obrigatórios – entrada do lema principal; classificação gramatical; registro

⁵ Tese de doutorado desenvolvida por Isamar Neiva, sob a orientação do Professor Doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho, coordenador do Projeto Dicionário Dialectal Brasileiro (Projeto DDB).

⁶ Por *lema secundário* entende-se, aqui, toda variante lexical que se caracterize como registro gráfico-fônico do lema principal.

⁷ *Lemas múltiplos* são “particularidades de flexão ou derivação que porventura provoquem alomorfa lexemática” (PNLD Dicionários, 2012) ou particularidades que denunciam alguma modificação de natureza mórfica.

⁸ Designam-se *variantes vocabulares* as lexias formadas por radicais distintos ao lema principal ou cuja base lexical difere do lema principal.

etimológico ou de processo formativo; definição lexicográfica; área temática do QSL; as variantes que podem se constituir como lemas secundários e (ou) múltiplos e variantes vocabulares; a abonação e; legenda geolinguística – e três itens opcionais: as remissões semânticas, a marca de uso e as achagas de verbete. Cada item é apresentado por indicadores tipográficos e não-tipográficos específicos. Note-se a chave de consulta, a seguir:

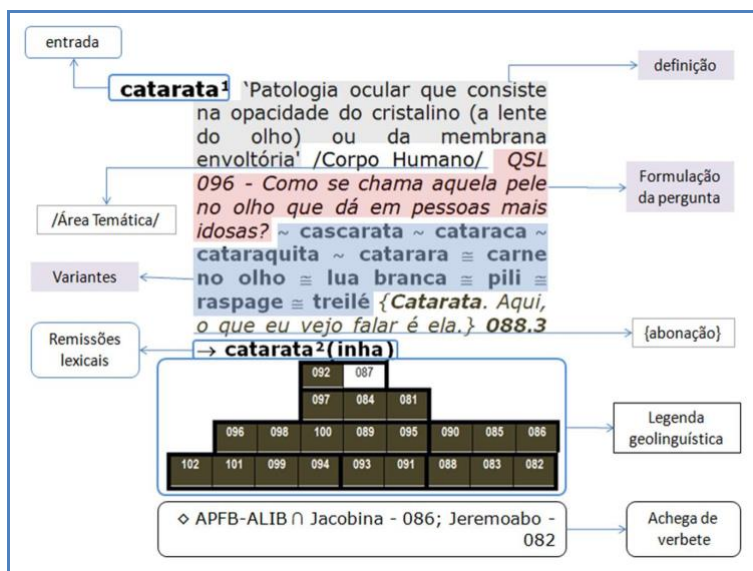


FIGURA 3: Chave de consulta do Vocabulário Dialectal Baiano
Fonte: (NEIVA, 2017, tese de doutorado)

Para melhor exemplificação, seguem-se alguns modelos de verbetes do referido Vocabulário.



FIGURA 4: Modelo de verbebo cujo lema principal eleito por frequência
Fonte: (NEIVA, 2017, tese de doutorado)

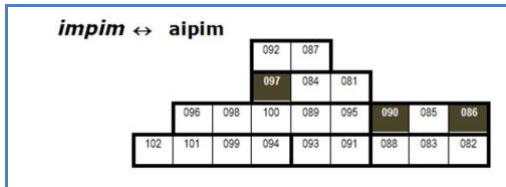


FIGURA 5: Modelo de verbete cujo lema principal eleito por frequência

Fonte: (NEIVA, 2017, tese de doutorado)

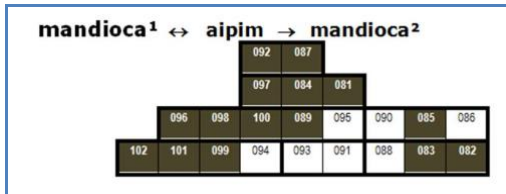


FIGURA 6: Modelo de verbete-remissivo cuja entrada corresponde a uma variante vocabular

Fonte: (NEIVA, 2017, tese de doutorado)



FIGURA 7: Modelo de verbete-remissivo cuja entrada corresponde a um homônimo

Fonte: (NEIVA, 2017, tese de doutorado)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, de forma geral, apresentar os pressupostos teórico-metodológicos que têm sido adotados na construção do Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB), desde as primeiras ideias publicadas por Machado Filho (2010) até o desenvolvimento do seu primeiro produto, o *Vocabulário Dialectal Baiano*. Buscou-se, pois, ressaltar os conceitos – dentre os quais se destaca a inserção da nomia, desdobramento do conceito de variante lexical –, e a finalidade de uma obra lexicográfica histórico-variacionista – a documentação e legitimação dos usos linguísticos.

Acredita-se, sob a ótica de Bataille (1968) de que um dicionário tem início a partir do momento em que mostra os usos das palavras, que a Lexicografia

Variacional no Brasil – mais especificamente, com a elaboração de glossários e vocabulários e dialetais e, por conseguinte, o DDB – seja um caminho pelo qual se torne possível dar vez e voz, na escrita, às vozes, por vezes estigmatizadas e excluídas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.
- AMORIM, Fabrício da Silva. *Construções causais com por causa que: um caso de gramaticalização*. 2012. Dissertação. (Mestrado em Letras: Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- BARCELOS, A. M. F. Understanding teachers' and students' language learning beliefs in experience: A Deweyan Approach. 2000. Tese (Doutorado) - The University of Alabama, Tuscaloosa.
- BATAILLE, Georges. Documents. Paris: Mercure de France, 1968.
- BRASIL. Projeto de Lei 1.676 de 1999. Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências. *Diário da Câmara dos Deputados*, Brasília, 4 nov. 1999. p. 106 a 108. Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCCD04NOV1999.pdf#page=106>>. Acesso em: 06 jul. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Com Direito a Palavra: dicionários em sala de aula*. Elaborado por Egon Rangel. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2012. 148 p. (PNLD 2012: Dicionários).
- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MEJRI, S. (Orgs.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador: Vento Leste, 2011.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: Editora da UEL, 2001.
- CORREIA, Margarita. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: Júnior, Manuel Alexandre (coord.) *Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio*. Lisboa: Centro de estudos Clássicos / FLUL, 2008.
- GALISSON, Robert. Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. In : *Études de Linguistique Appliquée*, 67. 1987.
- GALISSON, Robert. La culture partagée: une monnaie d'échange interculturelle. In : *Le Français dans le Monde – Recherches et Application*. Lexiques - Numéro spécial - s/nº. 1989
- GALISSON, Robert. *De la langue à la culture par les mots*. Paris: CLE International. 1991
- GALISSON, Robert. Un dictionnaire à géométrie variable au service de la lexiculture. In: *Cahiers de lexicologie*, 70/1. 1997

GEIGER, Paulo (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

ISQUERDO, A. N. Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico. In: CARDOSO, S.; MEJRI, S. e MOTA, J. (Orgs.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 113-144.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de nomia para os estudos do léxico em perspectiva variacional e histórica. In: *IV Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (IV CIDS)*, Université Paris Sorbonne, 2016. (no prelo)

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; NEIVA, Isamar . Questões de método para a composição do Dicionário Dialectal Brasileiro: os dados da Bahia em foco. In: Jacyra Mota. (Org.). (Org.). *Documentos 5: Atlas Linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas*. 1ed. Salvador: Quarteto, 2015, v. 1, p. 317-331.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de variante nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. *Filologia e Linguística Portuguesa (Online)* , v. 16, p. 261-275, 2014.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*. Salvador: Edufba, 2013.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um Ponto de Interseção para a Dialectologia e a Lexicografia: a proposição de um dicionário dialectal brasileiro com base nos dados do ALiB, *Estudos Linguísticos e Literários*, 41, p. 51-52, 2010.

NEIVA, Isamar. *Vocabulário Dialectal Baiano*. 2017. 270 p. Tese. (Doutorado em Letras – Língua e Cultura: Linguística Histórica) Instituto de Letras. Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POTTIER, Bernard. *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris: Klincksieck, 1974.

ROSA, João Guimarães. Famigerado. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 42ª Ed, 1988. p.13

SACCONI, Luiz Antonio. *Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Geração, 2009.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.) *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 7.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.

VERDELHO, Telmo. Dicionários: testemunhos da memória linguística. In: *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa: Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto, Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2004, p. 417.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 06 de agosto de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 16 de setembro de 2018.